

Coletivo Profanações: notas para uma cartografia

Coletivo Profanações: notes for a map

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n1p35>

Édio Raniere

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil

Isadora B. Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

O presente ensaio busca enunciar as principais linhas de força presentes na emergência e composição do Coletivo Profanações. Para tal, utiliza-se de duas narrativas disparadas por memórias afetivas de integrantes do grupo. À medida que os relatos avançam, os experimentos e os conceitos agenciados pelo coletivo vão sendo desenhados, expostos ao leitor. Intenta-se, portanto, apresentar alguns resultados advindos de uma prática de ensino, pesquisa e extensão, envolvendo formação em psicologia e teatro.

Palavras-chave: Profanações – Psicologia - Teatro.

The present essay seeks to enunciate the main lines of force present in emergency and composition of the Coletivo Profanações. For such task two narratives triggered by affective memories of the group members are used. As the reports advance, the experiments and concepts touted by the collective are designed and exposed to the reader. It intends, therefore, to present some results arising from a practice of teaching, research and extension, involving the formation in psychology and theater.

Keywords: Profanation – Psychology - Theatre.

Primeiro ato: contextualizações

Em julho de 2012, como parte de meu projeto de doutorado em Psicologia Social, ofereci uma disciplina eletiva à graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: *Leituras em Psicologia Social II: Profanações em Psicologia e Teatro*, a qual, inicialmente, tinha como objetivos: (a) possibilitar um espaço de expressão/produção de sentido por meio das ressonâncias entre teatro e psicologia; (b) potencializar corpos a novas experimentações sensíveis; (c) compreender conceitos da Filosofia da Diferença; e (d) produzir um registro dessa experiência.

Devido ao interesse de vários alunos da pós-graduação da UFRGS, bem como de estudantes de outros cursos e até mesmo de outras universidades, a disciplina passou também a ser oferecida como projeto de extensão.

Nesse primeiro momento, transitamos por várias linguagens, experimentando, intensamente, exercícios cênicos inspirados pelo teatro de Jerzy Gro-

towski, Antonin Artaud, Barba, entre outros. Os trabalhos desenvolvidos em 2012 tiveram como referência três grandes textos: *Deleuze e o Possível*, de François Zourabichvili (2000); *o Esgotado* – sobre o teatro de Samuel Beckett, de Gilles Deleuze (2010); e *O Elogio da Profanação*, de Giorgio Agamben (2007).

Desse encontro entre Teatro e Psicologia, emergiu uma potente ferramenta que se transformou num refrão do grupo. Trata-se do conceito de *profanação*, tal qual desenvolvido por Giorgio Agamben (2007). Esse autor sustenta que a etimologia de *religio* estaria ligada a *relegere* – fórmulas que devem ser respeitadas ao separar o sagrado do profano – e não a *religari* – aquilo que une o humano ao divino. Nesse sentido, profanar seria restituir algo religioso, que fora separado em uma esfera sagrada ao uso comum.

Partindo da tese de Benjamin (2013) de que o contemporâneo tem por religião o capitalismo; que ele seria para além de uma continuação direta do cristianismo, sua mais plena realização, Agamben (2007) problematiza algumas das garantias dadas aos cidadãos pelo Estado de Direito, a exemplo da propriedade privada, como impossibilitadoras do uso comum. Ou seja, a religião do capital, através da posse, estaria separando, sacralizando, colocando toda e qualquer relação com o mundo num altar inviolável. Contudo,

[...] profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, *a brincar com elas*. A sociedade sem classes não é uma sociedade que aboliu e perdeu toda memória das diferenças de classe, mas uma sociedade que soube desativar seus dispositivos, a fim de tornar possível um novo uso, para transformá-las em meios puros (AGAMBEN, 2007, p.75, grifo nosso).

Dessas paisagens emerge o Coletivo Profanações, cujo horizonte esteve sempre agenciado pela possibilidade de restituir ao uso comum territórios sacralizados, brincando em um entre teatro e psicologia, *descriando* o já posto, valorizando a experiência e a linguagem, levando-as aos seus limites, e desestabilizando, num corpo-a-corpo, alguns dispositivos de poder.

Encerramos 2012 com onze performances individuais, apresentadas numa programação de três dias em modelo Sarau. O evento contou com profissionais da área do teatro e da psicologia, debatendo cada uma das apresentações, trazendo aos arte-filósofos experimentais sugestões para continuação dos trabalhos. Entre tantos, um exemplo de exercício realizado pelo Coletivo em 2012: *Dramaturgias para um Esgotado*, cuja proposta foi a de utilizar a estrutura dramática para acolher intensidades, leituras, variações sobre o texto *O Esgotado* de Gilles Deleuze.

Entusiasmados com as possibilidades de criação e com a força das performances apresentadas, optamos por dar seguimento às atividades. Despimos do caráter de disciplina, abraçamos novos profanadores e mantivemos o projeto de extensão ligado à UFRGS. Nesse contexto, deu-se uma nova configuração. Se 2012 ficou marcado pelas performances individuais, a 2013 caberia, dado o momento que o grupo acabara de atingir, uma nova alegria. Na tentativa de dar emergência a esses devires, encontramos em Friedrich Nietzsche um poderoso intercessor.

Foi assim que passamos a organizar um grande projeto comum: levar ao XVII Encontro Nacional da ABRAPSO um trabalho coletivo disparado pela Genealogia da Moral. Ao longo de 2013, propus ao grupo vários jogos cênicos agenciados pela obra em questão. Ao mesmo tempo, como tarefa de casa, lhes ofereci vários aperitivos de leitura, que podiam, vez por outra, ser degustados em forma de partitura. Abaixo, um exemplo ilustrativo que encaminhei ao coletivo pela comunidade que mantínhamos no *Facebook*:

Pessoas Queridas: Segue minha proposta de exercício/aquecimento a ser trabalhado até dia 25 de maio. Eu o montei em forma de partitura. Basta, portanto, seguir as etapas. Selecione na Segunda Dissertação da Genealogia da Moral um (1) aforismo. Esta escolha deve partir de uma afectação. Ou seja, o encontro com o aforismo precisa necessariamente disparar algo no seu corpo, seja uma alegria, uma angústia, uma curiosidade, uma gargalhada, um inominável, algo precisa passar.

1. Uma vez escolhido o aforismo, dedique-se apenas a ele. Deixe de lado, provisoriamente, o restante da Genealogia da Moral e direcione toda sua atenção a ele;
2. Leia o aforismo escolhido ao menos quatro (4) vezes por dia; caso inicie esse experimento antes do dia 18 de maio, ou depois do dia 18 de maio, leia o aforismo ao menos oito (8) vezes por dia;
3. Não faça a leitura sempre no mesmo local, procure intercalar. Leia, por exemplo, no ônibus, na praça, no banheiro, na cama, caminhando, tomando cerveja ou chimarrão na Redenção;
4. Você pode ler sozinho e em silêncio, claro, mas também em voz alta: leia para um amigo, para um grupo, para seus pais, avós, desconhecidos, transeuntes, policiais, moradores de rua, pássaros, gatos, cachorros...;
5. Peça gentilmente que leiam para você e ouça com muita atenção. Agradeça, carinhosamente, pela oportunidade de ouvir o aforismo numa voz que não a sua;
6. Se você sentir vontade de registrar suas leituras/audições/experimentações, faça e traga, posteriormente, para compartilhar conosco no Profanações;

7. No dia 25 de maio, pela manhã, não leia, nem peça para lerem o aforismo para você. Esteja, pontualmente, as 14h30 na sala do Profanações. Traga consigo a Genealogia da Moral.

Cabe ressaltar que o Coletivo Profanações nunca foi considerado um grupo de teatro, mas um coletivo que se utiliza do teatro para dar lugar ao que lhe pede passagem. Após muitos sábados em jogo chegamos, enfim, à concepção de Nietzsche Theatrum – jogos cênicos in *Genealogia da Moral* (2009), o qual fora apresentado, conforme projeto inicial do grupo, no já referido encontro da ABRAPSO, em Florianópolis, no dia 04 de outubro de 2013.

Figuras 1, 2 e 3: Apresentação no campus da UFSC (Julia Levy, 2013)



A apresentação teve grande repercussão dentro e fora do encontro da ABRAPSO, e importantes pesquisadores da Psicologia Social vieram nos procurar emocionados, tecendo vários elogios ao trabalho. Passamos também a receber muitos pedidos, de amigos e curiosos, dados os compartilhamentos nas redes sociais, para uma apresentação em Porto Alegre. Assim, realizamos uma segunda apresentação de Nietzsche Theatrum no campus da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia 01 de novembro de 2013.

Figuras 4, 5 e 6: Apresentação no Instituto de Psicologia da UFRGS (Lilian Hack, 2013)



Como a defesa de minha tese de doutorado estava marcada para janeiro de 2014, um segundo projeto passou a ocupar o Coletivo desde agosto de 2013: manter-se como grupo mesmo com a saída do diretor, desligamento que ocorreu em meados de novembro. No mesmo período, o Coletivo recebeu um convite para se apresentar no *Cafófo Chama* – ocupação artístico-cultural que vinha sendo realizada no Instituto Psiquiátrico Forense de Porto Alegre – e aceitou o desafio. Partindo da estrutura já levantada de Nietzsche Theatrum, adaptaram-se algumas cenas, foram aceitos novos integrantes, ao passo que antigos profanadores preferiram deixar o grupo. No dia 16 de dezembro de 2013, o Coletivo Profanações, sem direção, apresentou-se no Instituto Psiquiátrico Forense de Porto Alegre.

Figura 7: Apresentação no Instituto Psiquiátrico Forense (Jamille Ovadia Moraes, 2013)



Figura 8: Apresentação no Instituto Psiquiátrico Forense (Jamile Ovadia Moraes, 2013)



Figura 9: Apresentação no Instituto Psiquiátrico Forense (Jamile Ovadia Moraes, 2013)



Brincar de desfazer certas ordens cristalizadas no espelho do Tempo, incluindo aí novas e estranhas pedrinhas, a fim de criar outras ficções de vida, outras vidas. Não é esse um dos sonhos do pensamento? O de insuflar na vida, a partir dela mesma, uma grande e nova leveza lúdica? (PELBART, 1993, p. 12)

Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos, para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 11).

Segundo ato: a tenebrosa tentativa da manifestação do corpo em letra

Como contar, a partir do corpo em que estou hoje, a trajetória desse percurso chamado Profanações? A tentativa da teoria sempre teve a ver com essa difícil e sempre tentativa, transcrever os corpos, o lido com os corpos, o ritmo dos corpos, a organização dos corpos em letras, símbolos de expressão desviada do corpo movente e escritor que deve vir a representar, afetar,

conduzir o leitor a interpretações que, de alguma forma, cheguem perto da experiência descrita.

A Psicologia e suas múltiplas formas de abstração sobre o homem e a sociedade estão feitas dessa tentativa de teoria sobre o homem, ou sobre a impossibilidade de teorizar o homem sem seus contextos, um território que se vê fadado ao desuso, quando se percebe a vasta distância da teoria e da real possibilidade de usá-la como método em uma sociedade cambiante e seus processos singulares. Assim, é da crença na necessidade do afogamento dos estudantes na própria experiência, e não apenas nas letras, que dizem que surge o interesse, como um último grito no abismo, em uma “disciplina” que transverta tanto a Psicologia quanto o teatro como técnicas, senão como instrumentos de algum outro possível que não sabemos o nome.

Disponer o corpo, o primeiro caminho desse profanar-se

Tudo é corpo e corporal. Tudo é mistura de corpo e no corpo, encaixe, penetração. Tudo é física, como diz Artaud: “nós temos nas costas vértebras plenas, atravessadas pelo cravo da dor e que, pelo andar, pelo esforço dos pés ao se levantarem, a resistência ao abandono, formam caixas, ao se unirem umas às outras” (apud DELEUZE, 2003, p. 89).

Falar aqui é falar por todos, dar vazão à movimentação de afetos que urgem ao falarmos de nós em mim. Se em algum momento penso em colocar passos para a profanação (do teatro, da psicologia e de tanto mais), percebo que não seria digna palavra. O passo que conta a distância de uma perna colocada ante a outra, ainda que possa conter a diferença no tamanho dos passos de cada momento ou pessoa, nos tira a liberdade por colocar número: um passo, dois passos, passo primeiro, passo segundo. Seria mentira. Há que perder-se daquilo que é possível contar em unidades.

A aposta no caminho vem daí, portanto. Da pequena sabedoria torta de usar do corpo perdido, estranhado, de cada um com de todos, no labirinto que nos leva a qualquer possível produção. O caminho fica aberto à imaginação da paisagem em torno, à quantidade de caminhadores, ao destrambelhamento de cada um dos passos de cada um, e, por fim, abre a multiplicidade da potência de estarmos mesmo múltiplos. Assim, contar caminhos se torna algo menos duro, contar caminhos sem supor que entre um e outro haja de fato algum sóbrio limite, ou que algum caminho tenha se extinguido ao chegar em qualquer lugar. Experimentar a escrita do nosso processo profanador é, antes de tudo, puxar um fio do caminho que continua atravessando.

O caminho de dispor o corpo

Apresentar-se em estado de juntos nos sábados. O grande desafio do sábado chegou a ser questão para os corpos, quando eles ainda tinham de se representar como corpos da cronologia barata do nosso cotidiano, do simbolismo do sábado como o verdadeiro dia sagrado da semana, entre duas pequenas liberdades dos estudantes e trabalhadores que, afinal, também éramos.

Dispor o corpo, aqui é preciso, mas só se leem nas entrelinhas, desacreditar da neutralidade técnica do psicólogo, do calamento das próprias afecções frente aos tantos outros que produzimos com nossa posição em formação. Abrir-se a uma permutação de meios. Fluir. Deixar o rosto se expor, a autoria e o gesto dos afogados, esgotados. Essa exposição nos pôs em jogo pessoalmente. Exposição é jogo. Colocar-se nas combinações do que se mostra com o que se tem fora, outros mostrados, mostrando aos poucos.

Passo importante: aconteceu que abrigo. De alguma forma a junção das exposições confluiu para um ambiente caloroso. Era bom desvestirmos e vestirmos tantas carapuças em conjunto, na confluência, perdendo a autoria do gesto individual e conhecendo um singular do grupal, esfumaçante, sem palavras ou formas que alcancem, nem tentativas. Criamo-nos, éramos, sabe se lá que coisa, mas que seguia. Alguns pulam da barca, alguns entram, a coisa se exerce. Sobre corpos em encontro, a cumplicidade.

Embebidos os dedos de memória, vale contar sobre nosso processo de criação. Em nossas múltiplas formas de exercermos-nos profanadores, muito nos foi provocado. A provocação, ela mesma, penso ser o cerne motor da nossa existência de grupo. Necessária para o salto ao outro. No primeiro momento da jornada, dispomos o corpo a variadas técnicas mais ditas teatrais, combinadas com textos afloradores. Uma junção inebriante onde cada corpo se valia do que nele respingasse e pudesse, nesse dentre de alquimias raras e desconhecidas, re-pingar. Nada mais do que isso para cavarmos esse lugar de sermos juntos.

As posições? (diretor, professor, aluno, ator, psicólogo, oficineiro, estudante de Psicologia...). Alguma coisa acontecia com elas. Uma certa magia do clima, ou talvez de um terreno já bem preparado para essa possibilidade potência. Derretiam-se. Se em algum momento passaram pela solidão do só-lido, desistiram ou foram desistidos. A condição de pessoa exposta vinha sem comandos, cada um no seu tempo, esboço de regra implícita, a cara à tapa (vai, vai, vai), o corpo aos corpos. E assim fomos desandando cotidianos, aprendendo a andar com os cotovelos. No processo de tirar as cadeiras das salas que nos abrigam, alguma outra coisa se impõe, ou desimpõe, e o lugar

torna-se branco. Branco pronto a ser essa qualquer coisa que buscávamos encontrando-a, a cada dia nosso.

A cidade inundando a cena. O espaço, para algo parecido com liberdade que nos proporcionava o sábado, nos fez muitas vezes, também, não conseguir seguir o pequeno plano dos encontros pela necessidade de desafogar a língua, as tensões de uma cidade inteira de relações. Essas conversas calorosas que tínhamos acerca de tudo também foram a forma de cavar o que começou pouco a pouco a mostrar o esboço do que estávamos nos tornando a cada encontro: um novo corpo estranho, coletivo, fruto de uma certa aglutinação das vertentes dos corpos de todos.

O grande fim de semana. A cena que me cheira mais forte é a construção coletiva dos nossos *drops*, pequeno espaço em que a direção dos atos ficava mais por conta de um, dois, ou poucos. Quanto nos perguntamos: Não era pra ser um trabalho coletivo? Como poderemos dissolvermo-nos em pequenas apresentações com donos? Não é essa a nossa contramão? Não é teatro o nome disso? Bom, vamos tentar. Encontramo-nos. Era um fim de semana, talvez feriado, acho que feriado. Estávamos dispostos e necessitados de imersão. Faltava pouco tempo para a ABRAPSO, já estávamos inscritos, e de certo?

Nada... Afinal, isso de profanação tem a ver com um certo desvio da ordem comum das coisas, dos prazos. Aquecemo-nos, traçamos uma pequena linha de por onde íamos. Cada um, ou cada grupo de alguns feito dum, estava responsável por trazer alguma coisa. Quê alguma coisa? O que lhe viesse, lhe despertasse, florice em possível ação. Poesia, Nietzsche, música, insegurança, não quero, não sei como. Ora de repetir a máxima Ranierana que tantas vezes ouvimos durante o processo do coletivo: “Não representa, faz”. Esquecendo os “comos”, de alguma forma, colocamo-nos em cena para ver o que passava. Uma roda de energia em volta. Um “larararara” para embalar a coragem. “Bum.” as ideias-festa se preencheram de corpos.

O pequeno a(u)tor atrevia-se a sê-lo, para conseguir lançar algo, e logo o corpo aglutinado o engolia, de forma linda, forte, como se tudo fosse realmente de todos, e o roubo fosse não só permitido, mas querido, necessário para fluir a forma. Todos moldavam aquela cena nossa, todas as cenas nossas, como se a vibração da tentativa nos chegasse a todos e todos pudessem entortá-la para o lado mais comum. Éramos vozes em diferentes tons e reconhecíveis ao sentimento do grupo e assim, do mundo. Perdiam-se os nomes, a roda de energia era tão coisa quanto a coisa do centro, constelares, partes de pequenas sensações singulares, abruptas, reativas, juntas. Deciframos no corpo como resolver o problema que tínhamos no início. Não acredito que antes desse momento tivéssemos alguma certeza de que estávamos realmente fazendo algo,

traçando algo possível de ser levado aos outros: os de fora da roda.

A questão de estarem “fora” da roda foi uma das mais marcantes discussões que nos acompanharam durante os caminhos. Queríamos, no fundo, que a experiência fosse de todos, que pudéssemos não nos diferenciar das pessoas que porventura quisessem nos assistir, porque não cremos de fato que sejamos especiais, técnicos ou treinados em qualquer coisa para fazer o que fazemos. Queríamos o mundo em cena, sermos volantes da experiência, mas jamais apenas seus representantes.. Essa angústia não passou para muitos, nem com o mágico encontro da criação; afinal, nos parecia que se algo estava criado, estava de algum modo também fechado, era nosso, e como nosso se perdia de alguma forma na privação dos nossos próprios corpos. Como envolver as pessoas? Fazendo com que elas se sintam e sejam parte do que se expõe? Como convidar os corpos às suas experiências a partir do nosso corpo?

E novamente a resposta do fazer, agir. Movimentar as moléculas pensantes, ansiosas, estagnadas do medo de não serem o que queriam, a fazer o movimento de ao menos ser. Ser o movimento. Na ABRAPSO, tivemos o primeiro contato com a realidade do que havíamos criado pra valer, ao expô-lo àquilo que desconhecíamos e onde pretendíamos algo. Onde é uma boa palavra, pois se refere ao espaço, espaço de trocas invisíveis. Colocamos o corpo a tocar, e os gestos, ainda que contivessem algum cheiro de coreografia, não estavam como se pudessem repetir qualquer coisa.

Assim que o sol daquele dia nos influenciou, fluenciou, fluímos de forma que jamais se repetirá. Porque não éramos um grupo de movimentos mesmos e não éramos mais apenas um grupo que se reúne em sala. Estávamos ainda mais expostos, tínhamos um cenário desavisado, tínhamos corpos estranhos seguindo nossos rastros, recebendo e sendo parte do como fizemos. A resposta estava novamente ali. Ainda que os corpos “de fora” estivessem “acomodados” na postura de público externo, suas expressões estavam inevitavelmente agindo com as nossas, nas nossas. Também estavam engolindo o nosso corpo por nos verem. Era uma experiência. Estávamos, todos, dentro e fora, na roda ou no centro, assistindo e sendo parte. Um último grito pássaro nos embalava, Samuel.

Da nossa barca, nos sobram os restos. Restos que caminham dentro de nossos corpos, ainda que inomináveis, ainda que possam passar imperceptíveis. Restos que desatam afirmações já há tanto inventadas da Psicologia. Restos que talvez nos levem a crer que a Psicologia só se faz em ato, e que brincar de teatro pode ser sim uma chance de vivermos o ato - a autoria, a desautoria, a autoria composta das nossas ações - durante a nossa formação. Aspirantes de uma Psicologia mais perto do rosto, desmascarada das teorias

que poderiam cobri-lo, pessoas que somos. De almirantes do mar, composto de descaminhos tantas vezes associados às loucuras, simples mergulhadores, por vezes afogados e com necessidade de abrir os olhos debaixo d'água, ainda que doa o sal temperado das encruzilhadas existenciais-contextuais-políticas a serem vistas, dentre essas a nossa, junto dessas, a nossa.

E como toda água que segue correndo, já não se pode dizer que um ou outro profanador o foi pela metade, quantos fomos, a quantidade, de 1-10, de conteúdo profanatório em cada corpo. Pois, outra vez, não nos cabem os números. A madeira da barca possível foi esculpida por todas as mãos que nos passaram, por todos os olhos que nos viram, todos os *afectos* que tivemos a sorte de ser atravessados. E em virtude da descrença que um dia os restos deixem de nos passar, e o corpo desapareça por completo dentre as veias, afirmo, contra as regras sagradas de nossa linguagem, que dessa vez e em tantas outras, convém acabar com vírgula...

O que fizemos? Como? Por quê? Para quem? São questões difíceis, talvez impossíveis, de responder. Acho que esses dois anos de Profanações não trouxeram muitas respostas. No lugar delas, o aprendizado. Não aquele adestramento que às vezes nos obrigam a provar e reprovar nas avaliações semestrais, não é nada disso. O que conhecemos hoje, mais que ontem, só consegue dizer aquele que melhor entendeu:

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore. Meu irmão aceitou ser a árvore daquele passarinho. No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola (BARROS, 2000, p. 63).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da Profanação. In: AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. S. J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 65 – 80.

_____. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. S. J. Assmann, São Paulo: Boitempo, 2008. 169 p.

BARROS, Manoel de. *Ensaio Fotográficos*. São Paulo: Record, 2000. 66 p.

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, 192 p.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. E. F. Dias e R. J. Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976, 170 p.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Trad. de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1997. 108 p.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 342 p.

_____. O Esgotado. In: DELEUZE, Gilles. *Gilles Deleuze: sobre o teatro*. Trad. O. de Abreu & R.Machado, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 65 – 111.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 1. Trad. A. Guerra; C. P. Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 126 p.

GROTOWSKI, Jerzy. *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski: 1959 – 1969*. Trad. B. Raulino. São Paulo: Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007. 250 p.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro Pós-Dramático*. Trad. P. Sussekind.. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 440 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos*. Trad. P. Sússekind. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996. 108 p.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 170 p.

_____. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 359 p.

PELBART, Peter Pal. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 132 p.

RANIERE, Édio. *O Jardim das Ilusões*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2007. 235 p.

_____. *Nute: cartografia de um teatro*. Blumenau: Editora Liquidificador, 2011. 377 p.

RODRIGUES, Heliana Barros Para um Foucault do ano 2100: ética, política e direitos da criança. In: COIMBRA, Cecília. (Org.), *Pivetes: encontros entre a Psicologia e o Judiciário*. Curitiba: Juruá, 2010. p. 123 – 130.

_____. Analisar. In FONSECA, Tania Galli, NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.), *Pesquisar na Diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, 263 p.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, 247 p.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o Possível (Sobre o Involuntarismo na Política). In: ALLIEZ, Éric (org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed.34, 2000. p.333 – 356.

Submissão em: 16/07/2014

Revisão em: 28/09/2014

Aceite em: 10/11/2014

Édio Ranieri é doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Psicologia Social no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Suas principais pesquisas concentram-

se em torno de dois grandes eixos: 1) Ressonâncias entre Arte e Psicologia; 2) Medidas Socioeducativas. Coordena, atualmente, o grupo de estudos «A Vida que Vem» e o projeto de extensão «Socioeducação (em) cena: Agenciamentos entre Psicologia Social e Teatro». Endereço para correspondência: Praça Vinte de Setembro, 904, Centro. Bloco C, Ap.101. Condomínio Ana Terra. Pelotas/RS, Brasil. CEP 96015-360.

E-mail: edioraniere@gmail.com

Isadora B. Machado é acadêmica do curso de Psicologia da UFRGS, participe do Coletivo Profanações.

E-mail: isaa.machado@gmail.com